



ELLSBERG, Robert. All Saints: daily reflections on saints, prophets, and witnesses for our time. Crossroad: New York. 2000. p. 519-521.

*Flávio José Rocha da Silva**

“Quando eu era criança e lia sobre os santos, isso me maravilhava. Eu podia ver a nobreza de dar a vida pelos doentes, portadores de deficiência, leprosos... Mas eu tinha outra questão em minha mente. Por que se fazia tanto para remediar o mal em vez de evitá-lo? Onde estavam os santos para tentar mudar a ordem social, não apenas ajudando os escravos, mas lutando contra a escravidão?”

Quando Dorothy Day¹ morreu em 1980, com 83 anos, comentou-se que ela era “a figura mais interessante, de maior influência e mais significante” na história do catolicismo norte-americano. Este foi um comentário extraordinário sobre alguém que não ocupou nenhuma posição oficial na Igreja Católica. Ao contrário, ela foi alguém de quem as ideias foram quase universalmente rejeitadas durante toda a sua vida. O Trabalhador Católico (The Catholic Worker), o movimento de leigos que ela fundou em 1933 e esteve à frente por quase cinquenta anos, era um esforço para mostrar que o mandamento radical do amor, no evangelho, podia ser vivido. Ela entendeu esse desafio não apenas como caridade por parte das pessoas (o trabalho assistencial), mas também como uma forma política de confronto e resistência com as forças políticas que deram origem à necessidade para a caridade. Dorothy representou um novo tipo de santidade política – uma maneira de servir a Cristo não apenas através da oração e do sacrifício, como também por meio da solidariedade com os pobres e a luta por justiça e paz.

Como resultado de sua luta, ela foi chamada de comunista. Sofreu um atentado, foi presa e investigada várias vezes pelo FBI - Federal Bureau of Investigation. Dorothy não se perturbou com as críticas que foram dirigidas. “O servo não é maior do que seu mestre,” gostava de repetir. Por outro lado, muitos gostavam de chamá-la de santa, o que era outro problema. “Quando as pessoas lhe chamam de santa, isso significa que você não está sendo levada a sério,” ela gostava de dizer. Day considerava que isso era uma maneira de focar nela e não na sua luta: “Dorothy pode fazer isso, ela é uma santa.” A implicação disso é que as decisões difíceis deveriam ser fáceis de serem tomadas por ela. Na verdade, ninguém sabia tão bem quanto ela o quanto pagava por sua vocação. “Nem as revoluções nem a fé

¹ Dorothy Day (1897-1980), estadunidense, foi jornalista, ativista social, episcopaliana, que mais tarde se converteu ao catolicismo.



**Revista Eletrônica Espaço Teológico ISSN 2177-952X. Vol. 9, n. 16, jul/dez, 2015,
p. 199-201**

são ganhas sem sofrimento. Para mim, Cristo não foi comprado com trinta moedas de prata, mas com o sangue do meu coração. Nós não compramos nada barato neste mercado.”

Day nasceu no Brooklin em 1897. Mesmo tendo sido batizada na Igreja Episcopal, ela foi pouco exposta à religião. Durante os seus anos na universidade, ela rejeitou o cristianismo em favor da causa. Ela abandonou a universidade e foi trabalhar como jornalista em Nova York em diferentes jornais de linha radical e participava de protestos populares. Seus amigos eram comunistas, anarquistas e outros tipos novaiorquinos artistas e intelectuais, os quais acreditavam que a religião era o “ópio do povo”.

A virada na vida de Dorothy aconteceu em 1926, quando estava vivendo em Staten Island com um homem pelo qual estava completamente apaixonada. Ela engravidou e este fato promoveu nela uma misteriosa conversão. A experiência do que ela chamou de “felicidade natural” veio junto com senso de falta de rumo de sua vida boêmia e levou seu coração para Deus. Ela decidiu que teria a criança e que a batizaria na Igreja Católica, e assim o fez em 1927. O resultado imediato de seu ato foi o fim doloroso de seu relacionamento. O homem que ela amava não acreditava na instituição do casamento. Ela sofreu também pelo sentimento de que sua conversão representava uma traição à causa dos pobres. A Igreja, que ajudava os pobres de várias maneiras, parecia identificar-se mais com o status quo. Dorothy passou alguns anos refletindo sobre sua vida e cuidando da criança e, durante esse tempo, orava para encontrar uma maneira de conciliar a sua fé com o compromisso com a justiça social.

A resposta pela qual ela tanto ansiava veio em 1932, com um encontro providencial. Peter Maurin, um filósofo andarilho e agitador, encorajou-a a começar um jornal que fosse solidário com os trabalhadores e crítico ao sistema social com uma perspectiva radical do evangelho. The Catholic Worker Newspaper (Jornal O Trabalhador Católico) foi lançado no dia 1º de maio de 1933. Como um profeta, Maurin estava preocupado não apenas em denunciar as injustiças, mas em anunciar uma nova ordem social baseada no ensinamento de que Cristo estava presente no vizinho. No esforço para praticar o que eles pregavam, Dorothy Day transformou o escritório do The Catholic Worker em uma “Casa de Hospitalidade” – a primeira de muitas – oferecendo comida para os famintos e abrigo para as massas migrantes vítimas da Depressão de 1929.

Mas a mensagem de Day não parou na caridade para com os trabalhadores. A lógica do Sermão da Montanha também a levou a um compromisso com a não violência. Apesar de ser muito criticada pela sua atitude, ela manteve uma posição pacifista durante a Segunda Guerra Mundial e, mais tarde, foi ativa em vários atos de desobediência civil em campanhas contra o espírito da Guerra Fria e a corrida nuclear. Em 1960, quando os protestos sociais eram intensos, o testemunho de Dorothy – baseado em seu dia a dia com os pobres e sustentado na disciplina da liturgia e da oração - ofereceu credibilidade e desafio.



**Revista Eletrônica Espaço Teológico ISSN 2177-952X. Vol. 9, n. 16, jul/dez, 2015,
p. 199-201**

O enigma de Dorothy estava na sua habilidade para conciliar suas posições radicais sobre justiça social (ela se considerava uma anarquista e pacifista) com uma tradicional e, até mesmo, piedade conservadora. Seu compromisso com os votos de pobreza, castidade e obediência eram tão firmes como o de qualquer freira. Porém, ela estava imersa no mundo secular com toda a “precariedade” e a desordem que acompanham uma vida entre os pobres. Sua santa favorita era Santa Teresa de Lisieux, a jovem carmelita de quem “os pequenos atos do cotidiano” ensinaram a direção para a santidade dentro das ocupações diárias. De Teresa, Day herdou a ideia de que qualquer ato de amor podia contribuir para o equilíbrio no mundo, que qualquer sofrimento podia ser diminuído se suportado no amor e que isso era a misteriosa ligação com o Corpo de Cristo.

Ao combinar a prática da caridade com a luta por justiça social, Day representou um tipo de santidade que não era domesticada facilmente, contudo de especial relevância para os nossos dias. Ela clamava à Igreja Católica para que recuperasse a identidade que desafiava e era um mistério aos olhos do mundo. Sua vida foi uma parábola viva com o foco no que ela chamou de mistérios dos pobres: “eles são Jesus e o que você faz por eles está fazendo para ele.” Dorothy morreu em 29 de novembro de 1980.

* Doutorando do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais na PUC/SP e bolsista CNPq